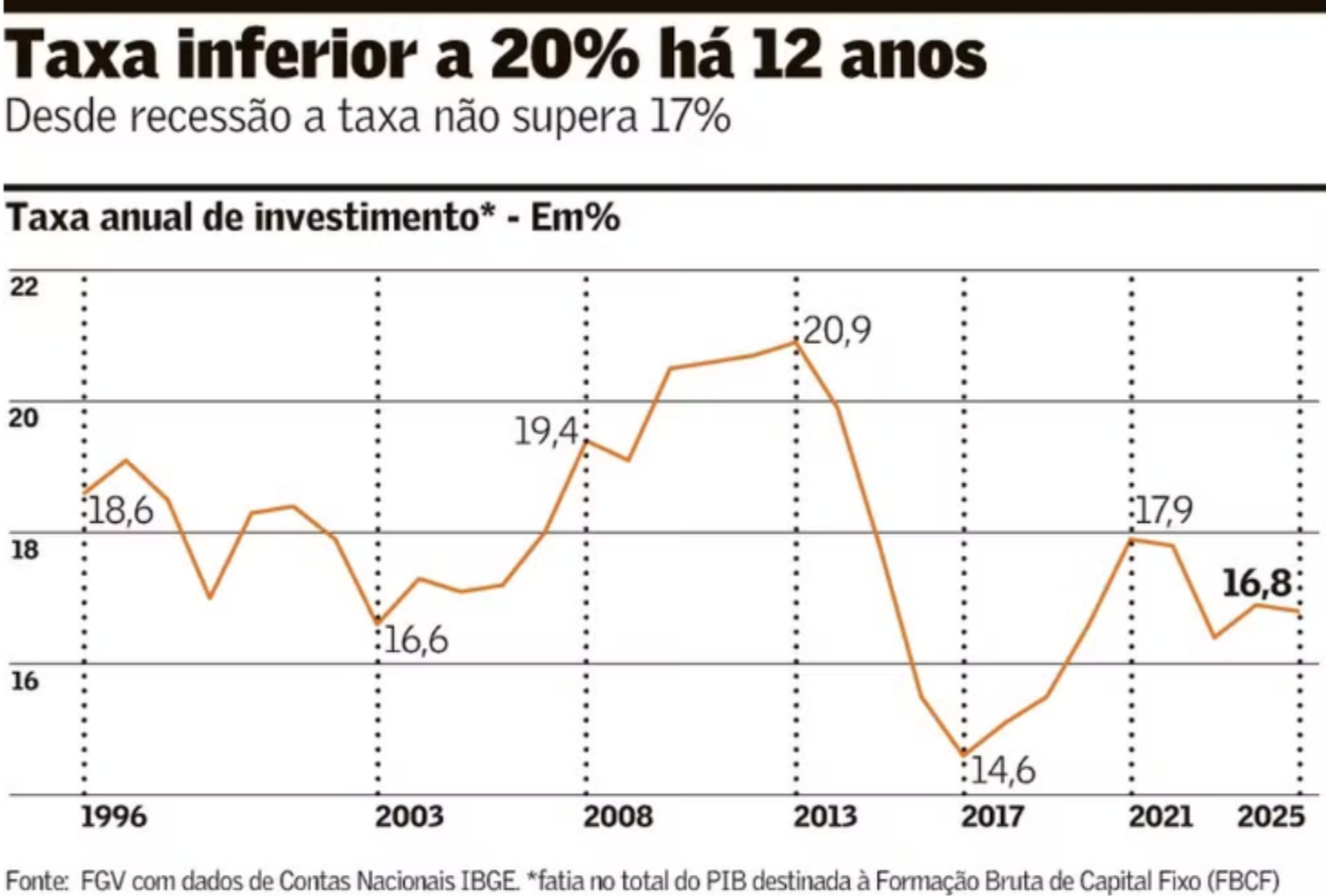


Juros, carga tributária e burocracia são entraves para investimento crescer com mais força no Brasil

Para alterar esse cenário, economistas recomendam mudanças conjunturais e estruturais no acesso ao investimento

Por [Alessandra Saraiva](#) — Do Rio
10/09/2026 05h00 · Atualizado há 9 horas



Juros elevados, alta carga tributária e excesso de burocracia fazem parte dos ingredientes que impediram que a taxa de investimento no país ganhasse força nos últimos anos, segundo especialistas - no segundo trimestre, ela ficou em 16,1% do PIB, a menor para o período desde 2020.

Para alterar esse cenário, economistas recomendam mudanças conjunturais e estruturais no acesso ao investimento para que a taxa suba de forma robusta nos próximos anos. “O problema estrutural central reside na taxa real de juros da economia”, disse Felipe Salto, economista-chefe e sócio da Warren Investimentos. “É muito elevada, refletindo uma política fiscal ainda deficitária, apesar da melhora observada no resultado primário desde 2023.”

Outro ponto lembrado por Salto é que o quadro atual também reflete o paulatino recuo dos investimentos na indústria da transformação. O segmento fomenta investimentos, principalmente na área de máquinas e equipamentos.

“O nível de investimentos muito baixo e bem menor do que no passado associa-se, também, à desindustrialização, processo que precisaria ser revertido, inclusive à luz das inovações que têm sido incorporadas exponencialmente aos processos produtivos pelo mundo, não só com a IA, mas com novos processos, novas tecnologias”, disse. “Há um desafio de elevação da produtividade que se impõe.”

Silvio Campos Neto, economista e sócio da Tendências Consultoria, lembra ainda da baixa taxa de poupança. Como o Brasil poupa pouco, tem mais dificuldade para financiar um nível elevado de investimento apenas com recursos internos.

Campos Neto também citou o atual quadro fiscal e o elevado patamar de juros como obstáculos. “O investimento tem que ter perspectivas de retorno. E aí você lida com um cenário que historicamente é muito difícil no Brasil, especialmente para o setor privado, porque temos um custo de capital que é muito alto.”

Assim, tendo em vista os contextos fiscal e macroeconômico atuais, Campos Neto acha “improvável” uma taxa de investimento acima de 20% nos próximos anos. O sócio da Tendências afirmou que vê espaço para alguma melhora caso algumas linhas de ação sejam seguidas: parceria com o setor privado, atração de capital estrangeiro, melhoria dos ambientes regulatório e tributário e aprimoramento dos marcos de infraestrutura, como saneamento. “Mas tem uma coisa que é crucial: para viabilizar um aumento grande de investimentos, o capital no Brasil tem que ser mais barato. E, para isso, o governo tem que fazer a ‘lição de casa’”, disse.

Para ele, é preciso organizar as contas públicas e diminuir o déficit fiscal. Ricardo Trevisan, CEO da assessoria de investimentos Gravus Capital, concordou. “A dívida pública está em 82,5% da dívida PIB, com juros altos, com famílias consumindo menos. Temos aqui uma mistura perfeita para essa taxa de investimento baixa no segundo trimestre.”

Trevisan salientou que instituições internacionais como Banco Mundial, FMI e (OCDE) apontam a necessidade de taxas de investimento entre 20% e 25% para sustentar o desenvolvimento de longo prazo.

Gabriel Santos, head de research da Bloxs, disse que a taxa de investimento anual do Brasil, em 2025 (16,8%), é uma das mais baixas entre os emergentes. “E o Brics originais tem taxas mais altas”, acrescentou. Em dados recentes, a Rússia contou com uma taxa de 23,5% em 2020, a China, de 42,5% em 2017; e a Índia, de 31,7% entre 2020 e 2021, segundo dados do Banco Mundial e do governo indiano, citados por ele. “É uma taxa que não consegue repor a necessidade de infraestrutura, que só repõe a depreciação de estradas, de fábricas, sem expandir a capacidade produtiva.”